

Os estudos diacrônicos na formação do professor de Letras-Português

Diachronic studies in the training of portuguese teachers

 Rinaldo Brandão

Resumo: Os estudos linguísticos diacrônicos são fundamentais para o processo ensino-aprendizagem da língua materna. A ausência da abordagem histórica pode prejudicar ou limitar a análise do fato linguístico e ser a causa de uma insuficiência na formação dos professores da área. A historicidade do ensino do latim no Brasil, da implantação ao declínio, nas matrizes curriculares nacionais, auxilia na compreensão da urgência de sua valorização como requisito para a eficácia dos estudos diacrônicos nas grades curriculares dos cursos de Letras. Este artigo objetiva evidenciar a presença do latim no português através da análise de étimos latinos pré-selecionados. A pesquisa bibliográfica aplicada à análise do *corpus* baseia-se no alinhamento teórico entre a linguística histórica e a sociolinguística, levando-se em deferência a abundância da variação lexical, encontrada em qualquer língua viva. Para a consecução do objetivo proposto, fez-se necessário estabelecer o percurso histórico de cada léxico, tendo como ponto de partida o étimo latino, fomentador de um grupo de vocábulos vinculados a campos semânticos específicos, a fim de atestar primeiro a grafia de determinados vocábulos padrões e se-

Rinaldo Brandão. Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é professor titular de Língua e Literatura Latina da Universidade Estadual da Paraíba. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Línguas Clássicas, atuando principalmente nos seguintes temas: Língua e Literatura Latina, Filologia Românica, Português Histórico e Literatura Brasileira.

gundo a legitimidade de formas não-padrões. Emprega-se, para os esclarecimentos de tais questões, as contribuições de Viaro (2013), Bagno (2022), Ilari e Basso (2012), entre outros.

Palavras-chave: diacronia, léxico, língua portuguesa

Abstract: Diachronic linguistic studies are fundamental to the teaching-learning process of the mother tongue. The absence of a historical approach can harm or limit the analysis of linguistic facts and be the cause of insufficient training for teachers in the area. The historicity of Latin teaching in Brazil, from its implementation to its decline, in national curricular matrices, helps to understand the urgency of its valorization as a requirement for the effectiveness of diachronic studies in the curriculum of Literature courses. This article aims to highlight the presence of Latin in Portuguese through the analysis of pre-selected Latin etyms. Bibliographical research applied to corpus analysis is based on the theoretical alignment between historical linguistics and sociolinguistics, taking into account the abundance of lexical variation found in any living language. To achieve the proposed objective, it was necessary to establish the historical path of each lexicon, taking as a starting point the Latin etymon, which promotes a group of words linked to specific semantic fields, in order to first attest to the spelling of certain words standards and according to the legitimacy of non-standard forms. To clarify these issues, the contributions of Viaro (2013), Bagno (2022), Ilari and Basso (2012), among others, are used.

Keywords: diachrony, lexicon, Portuguese language

Considerações iniciais

Na XIX Semana de Letras do CEDUC/UEPB foi formada uma mesa redonda onde se discutia a importância dos estudos diacrônicos em línguas portuguesa, espanhola e inglesa. Inicialmente, se fez necessário, na perspectiva sociolinguística, abrir as discussões estabelecendo

algumas ponderações acerca do conceito de diacronia. Assim, a partir desta proposta, a presente comunicação iniciou as discussões abordando a antiga dicotomia saussuriana *sincronia vs. diacronia*, instaurada e propagada pela linguística estruturalista, para em seguida aproximar-se da questão sob a perspectiva sociolinguística.

A linguística histórica e a sociolinguística alinham-se na explicação da mudança linguística, sempre levando em conta a abundância de variações, encontradas em qualquer língua viva, e de certo modo no combate ao preconceito linguístico. Com o importante trabalho desenvolvido nas últimas décadas pelos sociolinguistas, evidencia-se que as transformações em termos de língua não ocorrem por inteiro ou de uma só vez, na medida que a mudança linguística é lenta e contínua. A sociedade que compõe uma comunidade de falantes é heterogênea, por isso ela apresenta inúmeras diferenças no uso da língua e essa diversidade justifica-se pela cultura, pelos hábitos e pela história político-social e econômica de cada comunidade. A sociedade brasileira, por exemplo, não é homogênea, ou seja, ela possui profundas divergências socioculturais e socioeconômicas que revelam acentuadas diferenças linguísticas.

Torna-se claro, portanto, que cada etapa na história de vida de uma comunidade de falantes é marcada por inúmeras variantes devido à heterogeneidade social. A partir dessa perspectiva, constata-se que cada período ou cada recorte linguístico da história de uma língua resulta do cruzamento entre forças opostas, ou seja, de conservação ou preservação e de inovação, mas que convergem a um ponto comum, a saber: a da mudança linguística. Por este motivo, a dicotomia *sincronia vs. diacronia* encontra-se em domínio teórico de controvérsia, a sociolinguística propõe outra configuração, a noção de que a diacronia está presente na sincronia (Bagno, 2022). Surge, então, para a sociolinguística, numa tentativa de superação da dicotomia saussuriana, a

noção de *pancronia* ao analisar as dinâmicas linguísticas (variação e mudança) em um limite temporal predeterminado ou mesmo na contemporaneidade linguística. Ou seja, de modo geral simplificado, trata-se da presença da diacronia na sincronia ou da interação ou interdependência da sincronia/diacronia. De acordo com Bagno (*Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, 2022), a fim de estabelecer a comprovação da relação interativa e interdependente nas etapas da mudança linguística, a sociolinguística elabora uma metodologia de pesquisa denominada *tempo aparente*, a partir da análise da fala de diferentes gerações de uma comunidade, distribuição da pesquisa entre sujeitos de diferentes faixas etárias, levando em conta o pressuposto de que a aquisição linguística de um falante se consolida no final da adolescência e início da fase adulta. Assim quando se estuda os usos de uma língua durante um período temporal, o estudo é denominado de *tempo real*. O cruzamento de dados do *tempo real* com o *tempo aparente*, é o que torna possível então a instituição dos índices da mudança linguística. Bagno (2022) exemplifica o método através do estudo da variedade do pronome demonstrativo na comunidade carioca, revelando que o sistema ternário *esse/este/aquele* tornou-se obsoleto e foi substituído pelo sistema binário *esse/aquele*, com a perda de *este/isto*, substituídos pelo uso preferencial de demonstrativos mais advérbios: *esse aí/ isso aqui, isso aí* etc. (lembrando que os pronomes demonstrativos “esse” e “este” são usados de acordo com a posição do referente em relação à pessoa do discurso, ou seja, se mais afastado ou mais próximo).

O senso comum acerca da mudança linguística

As variedades linguísticas podem representar, portanto, estágios da mudança linguística, convivendo ao mesmo tempo numa mesma comunidade de falantes. Algumas dessas variantes da língua conduzem o processo de mudança linguística, enquanto outras apenas iniciam esse processo, levando décadas para que a mudança se efetive. A mudança é contínua e demasiado lenta, por vezes. Por conta dessa delonga, o senso comum dos falantes não consegue aceitar sem estranhamento e ceticismo o fato de que a língua muda constantemente, uma vez que a visão em perspectiva da mudança linguística é algo inimaginável. A convicção de que a língua muda se dá mais facilmente de forma retrospectiva, ou seja, é mais facilmente compreendida quando se compara a língua contemporânea com documentos escritos no passado. Um texto jornalístico do início do século XX apresentará diferenças, em diversos níveis linguísticos, em comparação com um artigo publica em um jornal impresso atual. Mas isso ocorre no nível da escrita, o paralelo com as variantes da fala apresentaria muito mais diferenças. Não obstante isso, raramente o senso comum faria a conjectura de que se a língua muda em relação ao passado, persistindo no seu processo de mudança e que não será a mesma em um futuro a médio e longo prazo. É assim que:

O futuro da língua, na imaginação da maioria dos falantes, é um retrato fiel do que a língua é agora. Conseguem visualizar em suas mentes naves espaciais velocíssimas, prédios de vidro transparente com oitocentos metros de altura, computadores mais finos que uma folha de papel... mas todos vão falar exatamente como falam hoje. (Bagno, 2022, p. 116).

Esse tipo de crença terrífica é um traço universal da cultura humana, uma vez que a mudança linguística equivale ao medo da própria morte, uma vez que representaria a morte da língua para uma determinada geração de falantes. Por isso verifica-se sempre a relutância, principalmente por parte dos mais velhos, da constatação e aceitação da mudança linguística, até mesmo quando uma alteração não motivada, como as das reformas ortográficas, estão em curso. A camada mais idosa da população lamenta então a suposta deterioração da língua, apontada de forma acusatória a pobreza linguística dos tempos modernos. A língua perfeita seria sempre a língua do passado, aprendida na infância e consolidada no início da fase adulta. Mas os discursos em defesa da conservação da língua se repetem a cada geração, de modo que a língua perfeita se encontra sempre em um passado remoto e ideal. A cultura da desconfiança e menosprezo em relação às inovações linguísticas, de acordo com Umberto Eco, tem origem no surgimento das línguas vernáculas na Europa:

A Europa inicia-se com o nascimento das línguas vernáculas, e a cultura crítica da Europa se inicia pela reação, às vezes alarmada, à irrupção dessas línguas. A Europa enfrenta o Drama da fragmentação das línguas e começa a refletir sobre o próprio destino de civilização multilíngue. Embora sofrendo com o impacto, procura encontrar um remédio: quer refazendo o caminho para trás, em busca da língua falada por Adão, quer para a frente, tentando construir uma língua da razão que possua a perfeição perdida da língua de Adão (Eco, 2018, p. 30).

As palavras de Eco vão ao encontro do pensamento de William Labov, principal representante da sociolinguística, ao afirmar que a nostalgia da língua do passado representaria uma espécie de “Idade de Ouro” linguística, uma época mítica ideal em que os falantes dessa lín-

gua perfeita jamais cometeriam “erros” (2012). Não redundante seria reafirmar que uma língua perfeita nunca existiu, assim como não existiu uma sociedade perfeita. A ideia da suposta perfeição da língua contrapõe-se diametralmente à ideia de mudança linguística e possui não só um caráter conservador como também um engessamento da compreensão do fato linguístico. A constatação de que as línguas sempre mudam de forma contínua e permanente representa o reconhecimento um processo histórico-social e cognitivo bastante ativo nas sociedades de quaisquer épocas. Tal processo encontra impacto ou reverberação cognitiva no cérebro dos falantes e aceitação na comunidade linguística. A interação entre esses dois fatores, socioculturais e sociocognitivos, são fundamentais para que ocorra a mudança linguística.

O Latim como ponto de partida para a história da língua portuguesa

O contato linguístico entre os povos é um dos principais fatores sociais para a consolidação do processo de mudança. Quando uma língua entre contato com outras através de invasão ou coabitação espacial é possível verificar três tipos de fenômenos: primeiro, o conquistador impõe sua língua aos povos conquistados; segundo, o conquistador adota a língua do conquistado, quando possui instituições sociais e políticas consolidadas; o conquistar não impõe sua língua nem adota a do conquistado. A língua latina, em diferentes momentos de expansão territorial do seu império, passou por essas situações distintas. Os romanos invadiram extensas regiões do continente europeu e norte da África, impondo sua língua através de práticas eficientes de colonização, por meio das quais o latim foi rapidamente aceito pela população subjugada. A importância do estudo da língua latina para a descrição

da formação das línguas românicas é imprescindível. No entanto, o ensino do latim encontra muitas dificuldades e impasses devido, por um lado, a diversas iniciativas de políticas educacionais que colaboraram para a forma em que a disciplina adquiriu ao longo das últimas décadas uma representação negativa nos meios acadêmicos, por parte de discentes e docentes das letras e das humanidades. A rejeição que o latim enfrenta no ambiente acadêmico assenta-se, dentre outros motivos, na maneira pelas quais as reformas educacionais o trataram, eliminando-o das grades curriculares ou reduzindo-o drasticamente e, por outro lado, pela maneira que as metodologias tradicionais, por um longo período, o reduziram à memorização de regras gramaticais para explicar estruturas peculiares de morfossintaxe.

Não raro, a língua latina é encarada ora como uma supra língua ou língua chave, por alguns iniciados, fundamental para a aprendizagem de outras línguas, particularmente as românicas; ora como uma disciplina menor, sem profundidade e importância, que pode ser descartada como um apêndice curricular desnecessário, antevista preconceituosamente como representante maior de uma cultura conservadora passadista e saudosista, que para malgrado de muitos ainda sobrevive nos cursos universitários de letras ou em raras graduações em línguas clássicas no Brasil. Geralmente, os alunos de Letras-Português encaram com apreensão ao se depararem com a língua latina como componente obrigatório da grade curricular, esperando encontrar um conteúdo terrivelmente difícil. Muitos ainda ignoram que o latim se desenvolveu como qualquer outro idioma e foi a língua falada por um período muito extenso da história dos povos europeus, durante o período que chamamos genericamente de Império Romano, passando pela Idade Média, sobrevivendo posteriormente ainda por um longo tempo como língua oficial em universidades. Mas, mesmo após saber

da importância histórica do latim, muitos ainda questionam o motivo pelo qual ainda se estuda o latim hoje em dia. A resposta parece ser evidente, mas existem obviedades que necessitam ser reveladas. A importância do estudo do latim, principalmente nos cursos de Letras, é uma delas.

Ora, para esses alunos, digo de maneira incisiva que é preciso compreender que o estudo do latim estabelece a base para a análise de determinados fatos ou fenômenos linguísticos que só a perspectiva diacrônica da língua é capaz de fornecer. O fato do estudo latim exigir esforço, requerer muita atenção e dedicação não é algo restrito apenas ao latim, mas a qualquer outra disciplina, seja do campo dos estudos linguísticos ou dos estudos literários. Com efeito, parte significativa dos estudantes possuem lacunas nas etapas anteriores de aprendizagem, outros ainda não estão comprometidos com uma rotina de estudos, uma vez que não se habituaram a ela nas escolas secundárias e médias. Além disso, o lazer e outras ocupações amenas da nossa moderna cultura digital ocupam um tempo considerável no dia a dia das pessoas. Não deixa de ser uma curiosidade bastante expressiva o fato de que o entendimento de lazer ou ócio (*otium*) para os romanos é diametralmente oposto ao que é entendido hoje em dia (como preguiça, moleza ou ociosidade). Para eles ócio ou *otium* designava a atividade espiritual mais pura, a saber, a dedicação à contemplação e ao estudo das questões filosóficas e a apreciação das artes em geral. A origem da palavra latina *negotium* que originou o português “negócio” está na junção do advérbio de negação *nec* mais o substantivo neutro *otium* (*nec-ocio* > *negócio*). Segundo Emilio Mira y López,

Nossa civilização perverteu o sentido dessas palavras de tal modo que inverteu seu valor, e hoje julga-se o negócio superior ao ócio, tanto mais quanto este é concebido como um simples vegetar

existencial, em vez de ser considerado como pura meditação e busca das mais excelsas vivências (Mira y López, 2020, p. 20).

A presença do latim na vida cultural pode ser facilmente percebida

Assim, tudo depende de como se encara o problema. O estudo do latim, para os alunos de português, deve ser encarado como um trampolim para mergulhos mais profundos na formação da nossa língua. O propósito ou objetivo de se estudar o latim, dentre tantos outros, está na aquisição de um conhecimento mais aprofundado do fato linguístico, dentro da perspectiva diacrônica. E como já dito inicialmente, a diacronia opera na sincronia. A presença do latim no português é facilmente percebida através de exemplos do léxico latino utilizado no nosso dia a dia em várias situações de fala ou de escrita. Talvez muitos não saibam que o feriado de *Corpus Christi*, que celebra a eucaristia, refere-se ao “corpo de Cristo”. O que dizer então de *habeas corpus*, ação judicial para garantir a liberdade diante de prisão ilegal, e renda *per capita* (por cabeça). O aluno deve entender quais os benefícios ou limitações de fazer uma pós-graduação *lato sensu* (em sentido amplo, ou seja, curso mais generalista e abrangente) ou *stricto sensu* (em sentido mais restrito, ou seja, curso focado em alguma área do conhecimento). Existem muitos outros vocábulos ou expressões latinas utilizadas no nosso dia a dia para designar significados precisos da nossa rotina social. O latim, contudo, não está presente em expressões da religião, do direito e em termos científicos. Há também alguns neologismos empregados nas últimas décadas pela informática, a exemplo do verbo *deletar*, que nos chegou através do verbo inglês *to delete* (apagar, suprimir, remover), mas de origem latina, do verbo *delēre*,

a partir do radical do supino *deletum*. Há também uma variedade de vocábulos que de tão utilizados pela nossa língua, muitos não percebem que são latinos: *idem*, *apud*, *a priori*, *alter ego*, *homo sapiens*, *in loco*, *suprassumo* (do latim *supra summum*, acima do mais alto), *pari passu*, *persona non grata*, *carpe diem*, *sui generis*, *vade mecum* (vem comigo, livro que é um copilado de leis), *vade retro* (vai para trás, usado na expressão: “vade retro, Satanás”), *aedes aegypti* e etc (que aliás é uma abreviatura da expressão latina *et cetera*, que significa “e outras coisas semelhantes”). O latim, portanto, é parte integrante e importante na formação do nosso léxico.

Como o latim pode explicar determinados fatos linguísticos

Através dos estudos diacrônicos, a partir do étimo latino, algumas regras e exceções da gramática normativa são devidamente explicadas. É o caso, por exemplo, dos plurais dos nomes em ão. Em latim, as formas do acusativo de “manu” (acusativo singular sem o “m” de *manus*) e “pane” (acusativo singular sem o “m” de *panis*) eram “manus” e “panes”, as quais deram origem ao português “mãos” e “pães”, ou seja, a forma do plural das palavras terminadas em “ão” será realizada a partir dos seus étimos latinos no acusativo plural, já que o acusativo é o caso lexicogênico (que deu origem) da língua portuguesa. Tais questões aparentam ser, *a priori*, muito específicas ou especializadas a uma determinada área do conhecimento da nossa língua. Contudo, até mesmo um aluno de um nível de escolaridade ainda básico ou secundário pode constranger o professor de português, ao perguntar de forma espontânea e muito legítima, o porquê de o plural de cavalo não ser “*cavala*”, mas égua. Diante desse impasse, só resta a esse professor responder a questão remetendo à etimologia das palavras. A partir do

radical latino *equ-* (de *equus*, cavalo) formou-se uma série de palavras português: equitação, equino, equestre. Entretanto, a forma “cavalo” vem de um outro vocábulo latino (*caballus*), que seria o cavalo de trabalho, utilizado no dia a dia pela população da época, enquanto que “égua” se origina de *equa* (o feminino de *equus*, palavra de cunho mais erudito, cuja radical forma outras palavras).

Etimologia: os radicais latinos e a formação do léxico português

A formação de palavras na língua portuguesa a partir de radicais latinos pode esclarecer uma série de questões relacionadas à grafia e ao campo semântico de determinados grupos de nomes. O vocábulo latino *aquila* originou o português “águia”, com a supressão do “l” e a transformação do “q” em “g”, recorrente em *aqua* > água. No entanto, o radical *aquil* forma a palavra portuguesa “*aquilino*”, quando se diz que alguém possui um nariz recurvo como o “bico de águia”. O verbo no infinitivo latino *natare* está na origem do verbo no infinitivo português “nadar”, resultado da apócope (queda do fonema final) do “e” e transformação regular na passagem do latim para o português do fonema /t/ em /d/, que no metaplasmo é chamado de “sonorização”. Contudo, o radical latino *nat* está presente no substantivo feminino “natação” e nos adjetivos “natávil” e “natante” e “natatório” (que serve para nadar). O infinitivo latino *laborare* (trabalhar, cultivar) forma o infinitivo português “lavar”, resultando em português os substantivos “lavrador” e “lavoura” e os adjetivos “lavrado” e “lavradio”, mas o radical erudito *labor* está na origem de muitos vocábulos: “laboratório”, “laborioso”, “colaborar” (com o acréscimo do prefixo *co*, no sentido de “trabalhar com alguém”), “elaborar” (preparar algo através do trabalho), além da forma “reelaborar” (fazer o trabalho novamente). Pode-

ríamos estender as exemplificações, se não ficasse muito extenso, visto que a quantidade de étimos latinos na formação do léxico português é vultosa. O professor de português pode buscar em dicionários da língua portuguesa a etimologia do vocábulo consultado, identificando o radical latino da palavra a partir do seu étimo, a fim de esclarecer grafias e ampliar o conhecimento dos campos semânticos lexicais.

O conhecimento da etimologia e da história da língua portuguesa pode ainda legitimar ou explicar formas não-padrão

Além de esclarecer a origem e grafia das palavras, formando grupos com campos semânticos avizinados, o conhecimento da etimologia pode ainda legitimar formas não-padrão da língua portuguesa. No latim, as preposições transformam-se em prefixos ao se juntarem a formas infinitivas dos verbos. Embora o sentido geral seja mantido, a preposição/prefixo regula um sentido mais específico ao sentido geral do verbo. Este é o caso dos verbos *advolo* (voar para ou voar para perto de) e *avolo* (voar para longe), formados a partir do verbo *volo* (voar). Em português temos o verbo “voar” e a variante “avoar”, mas sem a precisão de significado existente na variante latina “advolo” e “avolo”. A forma “avoar” encontra-se dicionarizada e pode ser acessada nos principais dicionários da língua portuguesa, o *Aurélio* e o *Houaiss*. Vocábulos com a mesma formação também podem ser encontradas nesses dicionários, a exemplo de “alevantar”, “alimpar” e “ajuntar”, representam formas estigmatizadas, tidas como variantes de grupos sociais de baixa escolaridade ou pertencentes ao interior de determinadas regiões do país, particularmente o nordeste brasileiro. No entanto, reproduzem um fenômeno regular de acréscimo (prótese) do fonema /a/ em verbos de primeira conjugação. As formas protéticas (que sofreram prótese, acrés-

cimo de fonema inicial no vocábulo) dos verbos de primeira conjugação está presente em *Os Lusíadas* (1572) de Camões, cânone literário considerado principal responsável pela modernização da língua portuguesa, elevando o português à condição de língua oficial e língua literária ao redimi-la das oscilações de grafia do português arcaico. Vejamos alguns versos recolhidos dessa grande obra literária, dentre inúmeros exemplos dessa ocorrência em *Os Lusíadas*:

Vinham as claras águas *ajuntar-se* (Camões, Canto IX, est. 55, p. 304)
Mas *alembrou-lhe* hua ira que o condena (Camões, X, 45, p. 326)
Amostrando-se a Afonso, o animava. (Camões, III, 45, p. 138)
Alimpámos as naus, que dos caminhos (Camões, V, 79, p. 210)
A noite negra e feia se *alumia* (Camões, Canto VI, 76, p. 236)
Andar-lhe os Cães os dentes *amostrando* (Camões, I, 87, p. 90)
Mais abaixo os menores se *assentavam* (Camões, I, 23, p. 74)
Que em vão *assopra* o vento, a vela inchando (Camões, II, 22, p. 102)

De acordo com Bagno (2006), o senso comum representado pela mídia e acobertado por gramáticos, na tentativa de estabelecer uma norma-padrão da língua, “tentaram eliminar da norma-padrão alguns daqueles verbos em a-, porque não correspondiam a nenhum verbo original latino nem guardavam o sentido que a presença da preposição impunha” (Bagno, 2006, p.145). Contudo essas formas protéticas com a- de verbos de primeira conjugação é um fenômeno recorrente em vários momentos históricos distintos da língua portuguesa. Em textos medievais em prosa literária religiosa, de caráter doutrinário, a exemplo do *Orto do Esposo* e do *Boosco Deleitoso*, textos anônimos escritos entre o final do século XIV e início do XV, as formas protéticas de verbos de primeira conjugação são abundantes:

...e mostrar o caminho aos errados someter os ombros aos que caam, pera *alevantar*, e dar a mão aos derribados pera os erguer (Boosco Deleitoso, 1950, p. 80-81).

E porê diz o abade Casyano que o mōge que quer e cobiiça chegar ao cōnhecimêto das Scripturas, deue poer toda a jndustria da sua mête e a entençom do coraçom pera *alinpar* os vicios e os peccados carnaaes... (*Orto do Esposo*, 1956, p. 56).

E porem diz o salmista: Senhor Deus, a declaraçom das tuas palauras *alumea* e da entedimêto aos paruoos (*Orto do Esposo*, 1956, p. 46).

Ca, se quiseres fazer peendenza, acharás perdoança pola piada-de de Jesu Cristo, que espargeu o seu sangue polos teus pecado, e êle toda a celestial côrte faróm grande festa com a peendenza, e prestes é sempre pera te *alumi*ar e receber (Boosco Deleitoso, 1950, p. 35).

As mudanças linguísticas na formação do léxico português, estudados detidamente nos metaplasmos, também esclarecem determinados fenômenos da variante popular do português brasileiro. O fenômeno regular de mudança linguística, denominado rotacismo, a transformação do /l/ para o /r/, verificado nos vocábulos *ecclesia* > *igreja*, *plaga* > *praia* ou *sclavu* > *escravo*, na passagem do latim para o português, justificam as variantes não-padrão desse fenômeno no português brasileiro, a exemplo de “pranta”, “chicrete”, “broco” etc. E mais uma vez Camões nos fornece ocorrências desse fenômeno em *Os Lusíadas*.

E não de agreste avena, ou *frauta* ruda (Camões, Canto I, est. 5, p.70)

Doenças, *frechas*, e trovões ardentes (Camões, X, 46, p. 326)

Era este *Ingrês* potente e militar (Camões, VI, 47, p. 228)

Nas ilhas de Maldiva nace a *pranta* (Camões, X, 136, p. 349)

Pruma na gorra, um pouco declinada (Camões, II, 98, p. 121)

Onde o profeta jaz, que a Lei *pubrica* (Camões, VII, 34, p. 251)

Considerações finais

O léxico português tanto se origina de palavras eruditas e populares, advindas do latim popular ou vulgar e erudito ou literário, passando pelo português arcaico, com todas suas variantes ainda presentes no nosso português brasileiro. Muitos outros exemplos da importância dos estudos diacrônicos da língua portuguesa, tendo como ponto de partida o estudo do latim, poderiam ter sido abastecido mais algumas laudas de texto escrito ou horas de apresentação oral. A importância desses estudos, entretanto, não se restringem ao léxico, à semântica ou à ortografia. O professor de língua portuguesa possui um papel importante também na discriminação dos utentes de variantes não-padrão do português brasileiro e na luta contra o preconceito linguístico. É preciso que o professor encontre as ferramentas pedagógicas adequadas para a eficaz utilização do conteúdo assimilado durante o tempo de aprendizagem de conteúdos diversificado prodigalizado na universidade. É preciso que saiba como lidar com as variantes linguísticas, ocasionalmente vivenciadas na sala de aula, de maneira a não as desprezar nem muito menos menosprezá-las, mas ao contrário apropriar-se delas como ponto de partida de aprendizagem da norma-padrão, como porta de entrada à cidadania, aos bens culturais, políticos e econômicos, geralmente reservados às elites (Ilari & Basso (2012)). Para tanto, a formação do professor de português deve ser intermediada também pelos estudos do latim e pelos estudos diacrônicos da língua. De acordo muitos docentes recém-formados ou mesmo experientes desconsideram o que foi estudado na universidade e perpetuam práticas de ensino há muito criticadas.

Referências

AMARANTE, J. *O latim no Brasil após a segunda metade do século XX e a emergência de novos materiais didáticos*. In: CRAVO, C.; MARQUES, S. (coords.) *O ensino das línguas clássicas: reflexões e experiências didáticas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; São Paulo: Annablume, 2017.

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. 15ed. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2022.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Edição organizada por Emanuel Paulo Ramos. Porto, PT: editora Porto, 1978.

ECO, Umberto. *A busca da língua perfeita na cultura europeia*. Tradução de Antonio Angonese. São Paulo: Unesp, 2018.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O Português da Gente: a língua que estudamos e a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.

LÓPEZ, Emilio Mira. *Como estudar e como aprender*. Tradução de Felipe Denarti. Campinas, SP: 2020.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Novo dicionário do português arcaico ou medieval*. 2ed. Independently published, 2019.

MAGNE, Augusto. *Boosco Deleitoso*. Ed. Crítica. Rio de Janeiro: INL, 1950.

MALER, Bertil. *Orto do Esposo*. Texto inédito do fim do século XIV ou começo do XV. Edição crítica com introdução, anotações e glossário. Rio de Janeiro: INL, 1956.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

PRATA, Patrícia & FORTES, Fábio (orgs.). *O Latim Hoje*. Reflexões sobre cultura clássica e ensino. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2015.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Apresentação de Carlos Faraco. Tradução, notas e posfácio de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2021.

VIARO, Mário Eduardo. *Manual de Etimologia do Português*. 2ed. São Paulo: Globo Livros, 2013.

Recebido em: 16/01/2024

Aprovado em: 02/03/2024

Licenciado por

